

## PELAS BORDAS DOS MAPAS: CORPO E MAR E CIDADE

Gabriel Teixeira Ramos<sup>1</sup>  
Marina Carmello Cunha<sup>2</sup>

**Resumo:** Nossa proposta para a sessão “Bordas e dobras urbanas” traz uma ideia de montagem que conecte imagens, sons e textos urbanos para provocar encontros entre conceitos de Deleuze e o livro *Cem dias entre céu e mar*, de Amyr Klink (navegador e escritor brasileiro), a Colônia de Pescadores do Rio Vermelho (Salvador/BA) e a Sala de Costura (grupo de mulheres que aprendem a costurar juntas). Os três participantes desses encontros com Deleuze se cruzam ao estabelecerem seus planos de rota sobre mapas, nomeações cartográficas e moldes que transbordam, assim, que eles entram em ação. Assim também entendemos a cidade, nesse transbordo, o plano foge ao controle; busca-se voltar a ele ou mudar de rota. Neste movimento, acontecem devires: improviso, astúcia, tática, gambiarra. O corpo (máquina) se acopla ao barco (máquina), ao remo (máquina), à máquina de costurar (máquina). Reterritorializa-se no plano. Nos transbordos encontramos lampejos da sobrevivência na cidade.

**Palavras-chave:** Bordas; mapas; devires.

### Apresentação

Este texto compõe a montagem proposta para a sessão temática “Bordas e dobras urbanas”, juntamente com o *tumblr*: <<http://pelasbordasdormapas.tumblr.com>>. Para a sessão, acontecerão também, no local do evento, outras montagens físicas (imagéticas e sonoras) que tensionarão os textos propostos e a montagem do *tumblr*.

### Podemos falar de “máquinas revolucionárias” pensando em práticas ordinárias?

#### Dos encontros potentes

Deleuze, sobre o conceito de dobra, recebera uma carta de dobradores de papéis, que dizia “mas, a sua história de dobra, somos nós”. Segundo ele, não foi preciso conhecer os dobradores para acontecer um encontro. Tentamos, assim, apresentar nesta comunicação encontros entre conceitos de Deleuze e o livro *Cem dias entre céu e mar*, de Amyr Klink (navegador e escritor brasileiro), a Colônia de Pescadores do Rio Vermelho (Salvador/BA) e a Sala de Costura (um grupo de mulheres que aprendem a costurar juntas).

#### Das falas

“Encaixado no fundo da popa, eu não sentia o movimento do barco e só via o horizonte e as estrelas passando rápido pela janelinha.”

“Realmente... Por que é que toda segunda-feira de manhã eu venho pra cá?”

“Cada mapa é uma redistribuição de impasses e aberturas, de limiares e clausuras, que necessariamente vai de baixo para cima. Não é só uma inversão de sentido, mas uma diferença de natureza: o inconsciente já não lida com pessoas e objetos, mas com trajetos e devires; já não é o inconsciente de comemoração, porém de mobilização (...).”

<sup>1</sup> Mestrando (PPGAU-UFBA). E-mail: [gabrieltramos@gmail.com](mailto:gabrieltramos@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre (PPGAU-UFBA) e docente (FRB/BA).

“Só Fritado sabe cortar do jeito que eu gosto.”

“A cada trinta minutos me levantava, estendia o braço até a alavanca da bomba e, sem abrir os olhos, num movimento contínuo, ia contando as bombadas até que ouvisse, do lado de fora, o característico ruído do poço seco”

“Ao estar sonhando e ter que acordar para esvaziar o poço, consegui retornar ao mesmo sonho sem interromper o seu curso” (...) “aos poucos eu conseguia influir no desenrolar dos sonhos” (...) “podia até mesmo selecionar, entre alguns que já conhecia o meu [sonho] preferido”

“Se não se montar uma máquina revolucionária capaz de se fazer cargo do desejo e dos fenômenos de desejo, o desejo continuará sendo manipulado pelas forças de opressão e repressão, ameaçando, mesmo por dentro, as máquinas revolucionárias.”

“Depois de vinte horas de relógio de briga com um peixão, ele conseguiu pegar ele e amarrar no barco e vir. Chegando quase em terra firme, sacudiu os remos e pediu ajuda para os outros pescadores para tirar o peixe grande.”

“Quando a gente descostura a roupa, é como se a gente entrasse em contato com quem costurou.”

“Aqui todo mundo tem apelido. Nome é diferencial.”

“Um devir não é imaginário, assim como uma viagem não é real. É o devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir. Os dois mapas, dos trajetos e do afectos, remetem um ao outro.”

### O plano e os transbordos

Klink planeja sua viagem durante dois anos, por meio de vários mapas, plantas cartográficas, planos de rota, barlaventos, cartas-pilotos, plotagens, QSOs, quadrantes etc.; os pescadores do Rio Vermelho planejam suas saídas de acordo com a hora das chuvas, a posição dos ventos, as correntes marítimas, as histórias do mar e da cidade; planejam os tipos de facões para o melhor corte, etc., as costureiras planejam o caminho das rotas de corte através de moldes; cortam vieses; fixam as peças através de alinhavos, entre outras técnicas. Apesar dos planejamentos, os barcos viram; os ventos sopram contra; os cortes saem do prumo; os alinhavos se desfazem: o plano transborda.

### Devires: improviso, astúcia, tática, gambiarra

O movimento é, a princípio, de contornar para uma melhor situação possível; voltar a rota ou encontrar um novo caminho. Mudar a latitude; improvisar a vara de pescar ou usar a faca reserva; cerzir buracos, reencontrar cortes. No movimento das práticas ordinárias, os devires, fragmentos velozes e infinitos do caos, nos salvam e nos afogam; transbordam e deixam rastros; são marés que sobem e descem (...); são vida para além do plano de rota. Nesses devires, os corpos-pés (máquinas) se conectam aos corpos-finca-pés (máquinas) e o corpo-remador (máquina) se acopla ao corpo-barco (máquina); o corpo-mão (máquinas) se conecta ao corpo-

segurador (máquina) e o corpo-pescador (máquina) se acopla ao corpo-vara de pescar (máquina); o corpo-boca (máquina) se conecta ao corpo-fio (máquina) e o corpo-costureira (máquina) se acopla ao corpo-máquina de costurar (máquina).

Sobrevivência na cidade: plano de rota, plano de fuga

Assim também entendemos a cidade, nesse transbordo, o plano urbano foge ao controle; busca-se voltar a ele (aparelho de captura) ou mudar de rota (ser capturado). Por isso, o que nos interessa são os movimentos das imagens; os múltiplos acoplamentos, conexões e devires que reterritorializam o plano, na vida e nas montagens. Nos transbordos encontramos lampejos da sobrevivência na cidade.